

# Memórias da terra, da água e da dor

*Monise Vieira Busquets<sup>1</sup>*

*Marina Hainzenreder Ertzogue<sup>2</sup>*

## Introdução

A região do Bico do Papagaio é uma área de confluência entre os rios Araguaia e Tocantins e abriga um total de 66 municípios, desses 25 localizados no Estado do Pará, 25 no Tocantins e 16 no Maranhão, totalizando uma área de 140 mil km<sup>2</sup>. Marcada pela Guerrilha do Araguaia, fato que ainda reverbera na memória de seus moradores, a região ainda enfrentou a violência para a construção de rodovias federais e a recorrência de garimpos. Os moradores do Bico do Papagaio foram, desde o início da ocupação da região, vilipendiados pela luta por terra, nos episódios que trataremos nesse texto veremos que as pessoas que detêm terras hoje tiveram de enfrentar armas e fogo, adubaram suas conquistas com suor e sangue.

O potencial hídrico da região sediará mais dois grandes projetos de construção de hidrelétricas: Marabá e Santa Isabel. A primeira delas, UHE Marabá, tem seu eixo localizado no município de São João do Araguaia, Estado do Pará. O reservatório tem previsão de atingir os municípios de: São João do Araguaia (PA), Bom Jesus do Tocantins (PA), Brejo Grande do Araguaia (PA), Palestina do Pará (PA), Marabá (PA), São Sebastião do Tocantins (TO), Araguatins (TO), Esperantina (TO) e São Pedro da Água Branca (MA), inundando cerca de 1.115 km<sup>2</sup> da região seminal do encontro dos rios Araguaia e Tocantins. A segunda, UHE Santa Isabel, localizará no município de Palestina do Pará, trecho do rio Araguaia, inundando uma área de aproximadamente 236 km<sup>2</sup>.

Em face disso, o objetivo desse trabalho é investigar como a população ribeirinha do assentamento Falcão, zona rural do município de Araguatins – TO, percebe a construção desses dois grandes projetos e a própria relação estabelecida entre o rio Araguaia e a vida dessas pessoas. O ponto focal aqui é compreender qual elemento em si leva as pessoas a se

---

<sup>1</sup> Monise Vieira Busquets é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins – UFT;

<sup>2</sup> Marina Hainzenreder Ertzogue é orientadora e professora do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

afeiçoarem à natureza, tendo-a como um tipo de personagem em suas vidas, alguém com quem convivem, conversam e esperam.

Para isso partimos da ideia do que é a água dentro da perspectiva das sociedades tradicionais e tomamos acontecimentos vivenciados no Povoado Falcão, para então sondar a ligação extensa e sempre sinestésica das pessoas com os corpos hídricos. Tomamos alguns autores como norteadores dessa discussão, dentre eles Bachelard (2002 e 2005), com alguns conceitos sobre a imaginação da matéria e a ideia de casa para o subconsciente humano. Também trabalhamos com Carlos Diegues (2005) e a compreensão do uso da água pelas populações tradicionais.

### **Vila Falcão**

Tomamos como base dos estudos o assentamento do INCRA localizado na porção rural do município de Araguaatins, conhecido como Vila Falcão, a escolha se deu em função de o assentamento se encontrar às margens do rio Araguaia e também, pois que suas terras sofrerão, ao mesmo tempo, os impactos dos dois empreendimentos em questão, assim que finalizados.

Conforme relatada Diegues (2005), a água para as sociedades tradicionais é entendida como um bem comum e advindo da natureza. Embora o seu uso seja polivalente, vez que serve para beber, irrigar e lavar, ainda assim é menos diversificada que nas sociedades urbano-industriais.

Ao observarmos as mulheres da Vila Falcão servindo-se do córrego Cândido, tributário do rio Araguaia, nos deparamos exatamente com a ideia de que aquele espaço é coletivo, um bem que pode ser acessado por todos sem a necessária relação comercial, entendida nas sociedades urbanas como o fornecimento de água mediante o pagamento, pois no universo urbano a água é percebida como recurso, e por consequência, capitalizada e administrada.

Nas sociedades tradicionais a água, incluindo rios e lagos fazem parte de um território e um modo de vida, base de identidades específicas (caboclos, quilombolas, entre outras) ao passo que nas sociedades modernas a água, como bem de consumo, é desterritorializada, canalizada de outros lugares muitas vezes distantes, com os quais as populações urbanas têm pouco ou nenhum contato (DIEGUES, 2005, p. 2).

Outro aspecto discutido pelo autor é o papel feminino nas sociedades tradicionais em relação à água, as mulheres estavam reunidas e traziam consigo suas filhas para a lavagem de roupas no rio, não havia homens, eles iam apenas em suas motos pegá-las e deixá-las com os sacos de roupas. É notável que em sociedades tradicionais a mulher tem uma relação estreita e forte com a água, tanto em relação ao seu uso, como por sua busca.

Mas que a Vila tem um barulho de vento batendo nas folhagens, de rede que balança e, vez ou outra, um zumbido de motocicletas circulantes. Depois do almoço todos procuram uma rede para se aquietarem, o sol é muito, cansa a vista, as janelas das casas na rua de dona Lucilene estão sempre fechadas, será o sol?

Na Vila, as casas são todas iguais, construídas, em sua maioria, pelo INCRA, duas janelas na frente e uma porta na lateral, telhados de telhas de barro indicam de longe as ruas de chão, não há quase árvores nas portas das casas, mas muitos pés de manga nos fundos dos quintais.

Durante a semana, caminhão cheio de produtos passa por entre as ruas, vendedores anunciam capas de sofás, cadeiras, panelas, oferecem de porta em porta. Uma Senhora da esquina responde ao vendedor “Eu não quero comprar é nada, já comprei minha casa”, ele sorrindo agradeceu e se foi.

Nessa tarde ensolarada, seu Antônio Noronha, pescador e pastor, passou para uma conversa, disse que morava no povoado há mais de dezessete anos, falou também que sempre sai para pescar, quase todos os dias vai ao Porto do Falcão e joga sua rede, lá pesca algum para o de comer e também vende para pessoas de fora, se tem saída a venda de peixes no povoado, disse que não tem, é muito difícil, pois aqui todos são pescadores, ao invés de comprar, as pessoas vão ao rio e pescam o próprio peixe.

E sobre a construção das Usinas, UHE's Marabá e Santa Isabel, disse que já tinha escutado falar sim, mas que não sabia se ia sair, pois que já havia muito tempo que representantes da obra não andavam por ali. Mas adiantou-se em dizer que seria muito ruim, caso houvesse a construção, pois que a maioria das pessoas do Falcão pesca e, para a pesca, o início da barragem é muito ruim, não tem peixe, como essas pessoas iriam sobreviver? Haveria indenizações?

Seguimos nossa conversa falando sobre os peixes, contou que ano passado ia todo o dia para o rio, hoje diminuiu mais, vai cinco dias por semana, quando o boto não pega a rede.

Seu Antônio Noronha disse que aqui tem muito boto e quase sempre arreventava a rede de pescar, normalmente abocanha os peixes todos e quando isso acontece, pode desistir de pescar naquele dia. Uma vez que o bicho é esperto e fica esperando a rede novamente.

Sobre a existência do rio em sua vida Noronha afirma, “é tudo, para dizer a verdade, porque era do Araguaia que tiro meu sustento, sem o Araguaia como ficaria?” E silêncio, pois que ninguém sabe muito bem se haverá usina aqui, é conversa antiga, todos pensam como será, mas dentro de si guardam uma esperança que os construtores tenham se esquecido daquela parte do rio.

Logo depois dessa palestra, chegou à casa de dona Lucilene, seu Jorge, oleiro no povoado, trabalha na beira do rio, faz tijolos para vender. Conversamos sobre o rio. Sobre o Araguaia disse que era muito importante aqui, pois oitenta por cento das pessoas só estavam nesse Falcão por que existe o rio e ele também, que nessa região não havia nada, sem o rio aqui, seria muito mais difícil.

Seu Jorge é moço jovem, moreno, tem os dentes brancos, estava vindo da beira do rio, disse que faz cerca de setecentos tijolos por dia, o trabalho é pesado, mas que é ali que ele tem possibilidades de trabalho. Saiu anteriormente para outros lugares, mas acabou voltando, ali encontrou um meio de garantir sustento para sua família.

Ele, que era um moço jovem, tinha ido à venda de dona Lucilene comprar mantimentos, depois de uma breve conversa, me convidou para conhecer sua olaria no rio, desejava me mostrar como é o trabalho. Despediu-se e partiu.

No Porto do Falcão, comentava-se que estavam sendo montadas as barracas para a inauguração da praia do povoado no sábado, uma banda era esperada, viria muita gente e alguns moradores da Vila venderiam bebidas e alimentos para os turistas.

A praia acontece do outro lado do rio, em território paraense, bem em frente ao Porto da Vila, essa época do ano, se forma uma extensa faixa de areia, o rio diminui suas águas e dá espaço a uma areia branca, que faz barulho quando se anda sobre ela.

Os moradores estavam atravessando palha de babaçu de uma margem à outra. Do outro lado, a levantada de madeira se adiantava, era hora de cobrir com palha, finalizando a estrutura. No Porto do Falcão muitas mulheres e crianças, panelas, caixas de isopor com água

e cerveja fresca, esperando que as canoas viessem para embarcá-las. Levariam água para os maridos que trabalhavam sob o sol escaldante.

Uma vez na outra margem, os trabalhadores seguiam montando as estruturas, cobrindo com palha, cortando madeira, apenas uma, das quatorze barracas a serem construídas, estava pronta. Trabalhavam um pouco, o sol era muito, queimava a pele, por isso eles faziam uma breve pausa e iam ao rio, ficavam um tanto de molho, refrescando o corpo para continuar o trabalho.

A faixa de areia é muito grande, a praia ostenta uma areia tão fina. Ao pôr do sol uma conversa com Rogério, ele estava montando a barraca para vender bebidas, sua irmã organizaria coisas para comer. Disse que dali a dois dias tudo teria de estar pronto, pois o palco seria montado e então começaria a temporada de praia, esperava muita gente para o Araguaia nesse julho.

Depois da conversa, Rogério arribou o pé, foi ao rio, tomou um longo banho, lavou a camisa que estava suja do trabalho, bateu no Araguaia para dissipar a sujeira, pegou a canoa, ajeitou a rabeta e como já era fim de tarde, nos chamou para a travessia do rio, na praia em construção não ficaria ninguém. Fomos embora e também o sol.

Os galos da Vila anunciavam que um novo dia raiava, o Falcão levantava. Os galos anunciam o novo dia, como disse João Cabral de Melo Neto. Assim como um galo lança a outro seu grito e esse outro o lança novamente, a manhã se compõe. E com o canto de outros galos “que com muitos outros galos se cruzem/os fios de sol de seus gritos de galo/ para que a manhã, desde uma teia tênue/ se vá tecendo, entre todos os galos” (MELO NETO, 1994).

Essa imagem poética também se apresenta nos modos e burburinhos das pessoas. Às sete da manhã todos estavam nas ruas, circulavam de bicicletas, procuravam o comércio para comprar algo para a primeira merenda. E logo cedo, da Vila até o rio, caminhada de dois quilômetros, mas como o sol ia ainda fresco não foi tão duro.

Alguns trabalhadores seguiam para suas roças e crianças os acompanhavam. Ao descer a ribanceira que separa o Falcão do rio, eram muitas motos passavam, deixando para trás uma nuvem de poeira. A estrada era longa, boa parte dos habitantes do Falcão dispunha de motocicletas para os trajetos corriqueiros, ou bicicletas. Não é fácil ter de caminhar sob sol tão desafiador, os pés ficam cansados e empoeirados. O solo é de cascalho, mas a paisagem ajuda o corpo e a alma a esquecerem das dificuldades. Era o começo ali, naquele longo

caminho, a entender porque a água, quase que como uma entidade, era tão importante para aquelas pessoas. No rio um encontro com Seu Luizinho pescador e Seu Agnaldo, estavam na margem, conversaria com eles e aproveitaria a pescaria. Ao chegar, já tinham lançado a rede. Alguns poucos peixes tinham sido pegos, aguardavam mais um tempo para conferir a rede outra vez. Seu Luizinho ia à frente, Seu Agnaldo remava, os dois comentavam que o boto chegou lá para atrapalhar pouco antes, que já tinha tirado os peixes da rede e que a pescaria entristeceu.

Ainda assim, pouco depois, conseguiram pegar mais peixes, começaram a retirar a rede. Enquanto isso, Seu Luizinho falava do Araguaia, que não sabia viver se não fosse à beira daquele rio, que era muito bom. No rio pescava um peixinho, chegava a casa para o almoço e a mulher cozinhava, todos comiam. Quando ele conheceu o Araguaia, há mais de quarenta anos, existiam muitas árvores grandes na beira-rio, agora, com o desmatamento que as pessoas fazem, ele não vê mais as árvores grandes e as poucas que restam estão caindo.

Luizinho nos falou que ficaria muito triste se acaso fossem construídas usinas ali, “por que como seriam as praias, né?” Para ele o rio é a maior riqueza dessa região, é bonito demais e ele não passa um só dia sem admirar o tamanho do Araguaia, gosta de olhar para rio, que é grande.

Para Bachelard (2002), os traços objetivos da paisagem são insuficientes para explicar o sentimento que trazemos frente a natureza, quando profundo e verdadeiro. Não é o conhecimento do real que nos faz amá-la, é um sentimento que se constitui do valor fundamental e primeiro.

O autor revela que começamos a amar a natureza sem conhecê-la, ou em suas palavras “sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures”. Depois desse primeiro sentimento, procuramos a natureza em detalhe, porque, como considera, amamos em geral sem saber por quê e a paixão com que entusiasmadamente descrevemos essa natureza é a maior prova de que olhamos com paixão (BACHELARD, 2002, p. 119).

E se o sentimento de natureza é tão duradouro em certas almas é porque ele se fundamenta na origem de todos os sentimentos, que Bachelard (2002) atribui ao sentimento filial, ele considera a natureza para um homem adulto como uma mãe imensamente ampliada. Refere-se ao fato que, sentimentalmente, a natureza é a projeção da mãe.

Ao tomar posse dos conceitos da psicologia da imaginação material para compreender o que une profundamente as pessoas e o rio, encontramos-nos com as concepções de Bachelard (2002) de que a água, para a imaginação material, é como o leite materno, um alimento completo. O autor justifica sua afirmação ao reconhecer que a imagem não tem seu princípio e sua força no elemento visual, para ele o espectador – aquele que admira as águas de um rio – está mergulhado em uma felicidade física e tão segura, que o leva a lembrar-se do mais antigo bem-estar, do mais suave dos alimentos.

A imaginação da superfície verá branco o que é amarelo, porque a imagem material do leite é bastante intensa para continuar no fundo do coração humano sua lenta progressão, para acabar de realizar a paz do sonhador, para dar uma matéria, uma substância a uma impressão ditosa. O leite é o primeiro dos calmantes. Portanto a paz do homem impregna de leite as águas contempladas (BACHELARD, 2002, p. 126).

Não se trata dizer, ao entender que o espectador vê a água de um rio como o leite materno, que a torrente desse rio se apresenta branca, escumosa, mas que as semelhanças estão diretamente ligadas ao plano da imaginação da matéria, a cor ou a textura, nesse caso, não é nada quando a imaginação material se apropria de seus elementos mais primitivos. Para o autor, o imaginário não encontra suas bases nas imagens, mas é preciso que haja uma presença mais próxima, mais envolvente e material, como a que observamos nos relatos aqui dispostos, em Seu Luizinho, onde a paisagem primeira é o rio, e nas crianças, sendo o Araguaia o braço materno e balsâmico que abriga as travessuras.

Subindo em direção à Vila, avista-se a olaria de seu Jorge, ele que acabara de amassar o barro, ia tomar um banho no rio, se lavar e seguir para casa, almoçar, viria depois, já refeito, para colocar o barro nas formas e deixar os tijolos a secar.

Trabalhava ali no silêncio todos os dias, sua rotina era amassar o barro com os pés, deixá-lo separado, para então começar a forjar os tijolos e colocar fogo. Esteve pelas bandas de Goiânia há um tempo, mas recebia dinheiro que apenas dava para comer e trabalhava em ofício ainda mais duro que a olaria. Decidiu voltar.

Quando do retorno, roçou aquele terreno, que é de propriedade da Marinha e começou a empreitada com os tijolos. Na seca, alcança até dois salários mínimos vendendo tijolos para as vilas próximas ao Falcão e só trabalha por encomendas. Não acredita na construção das Usinas, as pessoas falavam mesmo, mas que nunca acontecia, demorava demais para um projeto desse sair, mais de vinte anos. Mas se saísse, teria ele de arrumar outro meio de viver,

pois não se espera boas coisas depois da implantação de usinas hidrelétricas, a exemplo da de Tucuruí, no Pará.

Para Bachelard (2005), a casa é um canto no mundo, porém, antes disso, o primeiro universo, reconhece o autor que a vivenda é um verdadeiro cosmos, em toda acepção do termo. Em suas reflexões o autor diz que, vista intimamente, a mais humilde moradia é, sobretudo, bela, pois reside nela a poética do espaço.

As palavras foram raleando, raleando. Despedimos-nos. Era quase hora do almoço, as casas tinham as portas e janelas abertas e exibiam televisões ligadas, no povoado tem uma antena grande de televisão, todos assistem, mas telefone não pega, não há sinal.

Embora a construção da barragem seja sempre comentário entre as pessoas do povoado, ninguém tinha ideia de como seria mesmo e, principalmente, quando seria. Mesmo que algumas reuniões já tivessem sido realizadas no Falcão, os próprios anunciantes da UHE Marabá não sabiam quando e como se daria a inundação.

Em conversa com essas pessoas e também observando os passos delas, percebe-se o grande apreço pela morada, pelo pedaço de chão que obtiveram para viver, são pessoas abandonadas pelo poder público, sobrevivem do suor e das lágrimas. Os homens labutam muito em roças e com o rio, as mulheres com a casa, as crianças e sempre ajudando os maridos.

As pessoas do Falcão não tem muitos recursos e nem um tipo de diversão. Só dispõem de televisões, alto-falantes que tocam músicas sertanejas e hinos evangélicos, e as ruas empoeiradas.

Para as mulheres resta a vontade de lavar roupas no rio, mesmo que para isso tenham que andar quase dois quilômetros, para os homens o rio também é um recanto de paz, de contemplação, de beleza, de cuidado com a família, porque se obtém o peixe e uma sensação de liberdade, de potência, quando o motor de rabeta corta vagarosamente o espelho d'água.

As pessoas do Falcão às vezes ficam mudas, faltam-lhes as palavras, o som do vento completa a frase, a presença completa o sentido do que se queria dizer, há também um teor de violência nas pessoas, não uma violência em sentido estrito, mas uma violência simbólica. As mães gritam com seus filhos, exigem presença e trabalhos, a vida é dura até mesmo para as



crianças. No sertão existe o desgaste do sol nos olhos, as tardes são longas, empoeiradas e monocromáticas.

### **O lugar da água**

As meninas iam ao Cândido, se banhar e lavar os cabelos. A chegada à água depois de uma caminhada de meia-hora, cansaço e suor escorrendo pela face. O Cândido estava para elas, não havia ninguém lá. Se adiantaram, correndo e pulando para dentro da água gélida. Uma garota, Érica, menos corajosa ficou para trás, sentou nas tábuas de lavar roupa, esperou, disse que não tinha coragem, a água era fria demais, as outras já foram molhando os cabelos longos e brincando, abrindo suas sacolas, retirando os pertences, uma ajudava a outra.

Dona Lucilene também foi, lavou os cabelos da filha, passou pente fino, pediu que a menina mergulhasse, ensaboou novamente e depois ordenou que tirasse a espuma, dizia ela que a água dali era muito boa para lavar os cabelos. Mais do que um banho, era um encontro de meninas, um passatempo para o calor, todas vestidas de suas roupas habituais, saias e blusas. Falavam de namorados e de pretendentes, era como um salão de beleza, mas estavam entre árvores, folhas e pedras, era um “rio de beleza”.

Bachelard, em suas elucubrações acerca da imaginação da matéria nos diz que

Reconhecerá na água, na substância da água, um tipo de intimidade, intimidade bem diferente das que as “profundezas” do fogo ou da pedra sugerem. Deverá reconhecer que a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação. Fortalecido com esse conhecimento de uma profundidade num elemento material, o leitor compreenderá enfim que a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que se não acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser (BACHELARD, 2002, p. 6).

Ao pensar sobre as palavras do autor, tomando a vivência com as meninas no Cândido, reconhecemos que o rio, ou água que corre dele, traz consigo um elemento sutil que transforma o ser a cada ida à fonte, porque não apenas basta a chegada e o uso da água para o simples ato de lavar os cabelos, mas toda a andança, o desgaste que também é físico, como que se ao final o esforço guardasse uma recompensa, um tipo de bálsamo que lava muito mais do que a pele, mas acaricia a alma.

É o destino dos que ali habitam recorrer ao rio como único momento de fugacidade ante a vida serpenteada pela adversidade e a dor, não foi apenas difícil conseguir a terra que

residem, mas, sobretudo, permanecer sobre ela. Na fala de todos que aqui estiveram, observamos como a água resguarda um momento mágico e de descanso, mesmo que para isso seja preciso enfrentar estradas de pedregulho.

Tomando-o sobre o imaginário da mãe, como nas análises psicanalíticas de Gaston Bachelard, aquela cujo destino é receber a qualquer tempo e ter-lhe sempre o seio disposto. Seriam os ribeirinhos do Falcão, como tantos outros pelo Bico do Papagaio, destinados a recorrerem ao rio, sempre e tanto, em busca do consolo mais onírico da paisagem.

Bachelard faz também algumas considerações preciosas do que é a terra natal, ou do que até aqui chamamos de lugar. Para ele a terra onde se sonha é mais do que a que se pode nascer, é a que guarda os nossos segredos

Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever minha ventura (BACHELARD, 2002, p. 9).

Ao final desse recorrido, compreende-se que a construção da ideia de terra como casa é também apoiada pela própria existência do rio, pois que o solo daquelas paragens é tão árido quanto a história dos que ali se instalaram, portanto, a possibilidade que essas pessoas encontraram de manter a vida foi através da existência do rio.

O sentimento de pertencimento dos moradores da Vila Falcão e os de boa parte do Bico do Papagaio, adubaram-se pela presença do rio Araguaia, pois que de outro modo a vida não seria possível nessa região. Foi através do rio que as pessoas conseguiram fixar suas moradas, ao se alimentarem dos peixes que o rio guarda, das várzeas como instrumento da natureza para a agricultura e a própria paisagem que refresca a alma cansada da lida e dos dias.

### **Todos Sabiam**

Considerando as reflexões de que a memória é a identidade em ação, Candau (2016), e ao presenciar a vivência que essas pessoas têm com o rio, reportamos o texto da inglesa Binka Le Breton (1997), onde a autora conta suas buscas sobre o esclarecimento da morte de Padre Josimo Tavares, ocorrida no Bico do Papagaio, em 1986.

Gostaríamos de falar especialmente sobre esse tema, pois ainda insistem os olhos dos que ali vivem o medo de dizer demais sobre os acontecimentos e as silenciosas homenagens que os moradores da região prestam ao Padre morto, como é o caso de um dos PA's<sup>3</sup> levar o seu nome na Vila Falcão. Pudemos também encontrar pessoas muito importantes para a luta histórica por terras e elas continuam com a mesma coragem de antes.

Em Buriti, terra do Padre Josimo, cidade bem pequena, resguardada por casas de telhado baixo, ruas de paralelepípedo. Logo na entrada, avista-se uma feira coberta, alguns metros mais fica a igreja onde estão seus restos mortais.

A igreja é de uma simplicidade cambaleante, uma lajota colocada na pequena torre traz o rosto do padre morto há quase trinta anos, as portas de madeira estão sempre trancadas, mas logo em frente à igreja mora uma senhorinha que dispõe da chave sempre que é preciso.

Silenciosamente entramos, não existem bancos, a igreja é tomada por um vazio e cheira solidão, reportando-se rapidamente ao universo em que aquelas lutas se deram, especialmente, ao observar um afresco colorido na parede do altar, não havia imagens de santos, ou a cruz – sempre esperada para esses ambientes, apenas uma grande pintura tomando a parede.

Essa pintura colorida fala dos dias de luta do padre, junto aos trabalhadores da terra, em seu canto direito mostra também o momento final de Josimo, o sangue escorre manchando a camisa alva, dois tiros cravados no peito do homem. Um saco de dinheiro sobreposto à cena, alerta os motivos que levaram ao crime.

Logo abaixo dessa imagem epopeica existe uma porta que dá acesso ao que teria sido a sacristia da igreja. Adentrando o cômodo podemos ver um grande quadro que estampa a figura de Josimo, em preto e branco, a foto fala da jovialidade que aquele homem carregava. Também no pequeno quatinho, a cripta com o corpo do Padre.

É silêncio o sentimento que inunda o momento, na parede uma frase delicadamente pintada em vermelho, com fundo amarelo e arabescos azuis, “Nem o medo me detém. É hora de assumir. Morro por uma justa causa. Pe. Josimo”. Ali, ante a história emudecida e às palavras trêmulas dos dias de dor, entende-se um pouco da luta pela terra.

---

<sup>3</sup> Projetos de Assentamento.

Le Breton revive em seu texto o momento e as atrocidades testemunhadas pelos moradores do Bico do Papagaio e também por Padre Josimo, assim que começou sua jornada, em meados da década de 70,

Para os habitantes do Bico do Papagaio, os bons tempos se dissiparam como névoa da manhã. As pessoas chegavam pela estrada nova como enxames, em busca de ouro ou de uma vida nova. Como os lavradores não entendiam muito bem o conceito de propriedade, era fácil removê-los de suas terras em troca de uma espingarda, uma bicicleta ou um pedaço de papel prometendo algum dinheiro. Os novos donos começaram a cercar a terra e a proibir o acesso ao babaçu. Ocuparam-na e anunciaram que agora ela lhes pertencia apresentando documentos como prova. Todas as famílias residentes foram expulsas, e os que protestavam logo se tornavam alvo de pistoleiros de aluguel (BRETON, 1997, p.34).

O que contou uma senhora emblemática que ainda vive em Esperantina, Dona Cota, de olhar docemente azulado e palavra certa, foi da luta grande daquele lugar

Josimo toda vida foi perseguido, pois falava a favor da pobreza e você sabe que quem é rico não gosta de pobre, só suor dele que trabalha e levanta ele. E aí a gente andou muito junto e toda vida ele era jurado. E toda vida a gente falava, Josimo não vai andar assim como você anda e ele dizia “Quem nos guarda é Deus, se eu tiver de morrer matado, ninguém tira essa morte”, ontossse, quando a gente lembrava de dar outro conselho a ele, lembrava que ele ia dizer aquelas mesmas palavras, então a gente entregou para aquele pai divino e aconteceu, né? Mas é assim mesmo [...] Porque se não fosse ele ter trazido essa signa de ter sido uma pessoa do lado do povo fraco ainda hoje ele estava vivo, pois é, mas ele dependeu de lutar do lado dos fracos e os grandes, ó, cacetaram. E eu estou por aqui e aí me lembrei de ir embora lá pra onde mora minha filha que ela mora lá adiante de Carolina 45 légua, mas eu digo eu vou ficar é aqui aonde o Josimo pisou e trabalhou e tiraram a vida dele e não vou sair não, só quando eu for para o cemitério, se não ser é aqui, tem a barraquinha, tem os filhos (Dona Cota, Esperantina – TO, entrevistada em 19/05/13).

Para entender o que essas pessoas enfrentaram ao resistir em suas terras, é preciso tão mais entender o que permeou suas histórias pessoais. No texto de Breton a fala de um de seus entrevistados, Padre Miguel, demonstra a ruptura no modo de vida de antes, frente à violência que se instalou quando da ocupação das terras

Até recentemente eles viviam numa economia de subsistência. Sempre houve caça na floresta e peixes no rio. Plantavam um pouco de arroz, um pouco de mandioca e estava resolvido. Não precisavam de muito para sobreviver. Se ficassem doentes usavam ervas medicinais. Viviam da terra e estavam satisfeitos. De repente, tudo mudou. Não tinha mais floresta, não havia o que caçar. Tinham que comprar carne e remédios, mandar os filhos para a escola, comprar roupas e material escolar. Em vez de usar lenha, eles tinham que pagar por eletricidade e gás. Tinham que ter dinheiro. A terra que

costumava sustentá-los não mais o fazia. [...] O capitalismo havia chegado (BRETON, 1997, p.64).

Ao se depararem com tamanha precariedade e a nova dependência da moeda, os lavradores se tornaram alvo muito mais fácil de grileiros e latifundiários. Também não conseguiam perceber muito como proveriam o sustento de suas famílias, às vezes entregavam suas terras pelo mínimo de dinheiro, ou como descrito anteriormente, por utensílios domésticos, na ilusão de conseguirem alguma forma de subsistência fora dali.

Nesse contexto, alguns dos religiosos da igreja Católica, incluindo Padre Josimo, tentavam politizar a consciência dos trabalhadores rurais de que a terra poderia prover o alimento, a subsistência, um *lugar* e uma maneira outra de se viver. Porém, para isso, teriam de lutar pelas terras, resistir ainda que fossem mandados para fora e ameaçados, só com união e resistência, conseguiriam permanecer. Ainda nas palavras de Maria Senhora, depoimento contido no texto de Breton (1997, p. 89), “Gente desesperada faz qualquer coisa para defender suas famílias e, afinal, sempre vence”, havia uma esperança contínua, mesmo para aqueles que se encontravam no limite da sobrevivência.

É desse trecho da história que Dona Cota falou, da resistência, por isso ela insistiu em me dizer que não sairia de Esperantina a menos que fosse para o cemitério, seria mesmo difícil que essas pessoas, depois de tantas lutas, sangue e lágrimas, tivessem de abrir caminho para dar passagem às águas de um reservatório, em verdade, elas não acreditam que isso pudesse acontecer, guardam sempre a esperança tardia que tudo não passe de uma especulação sem fundamentos, pois que aquela terra guardava muitas histórias para simplesmente ser encoberta. Amar aquele lugar para o povo do norte seria o que Bachelard definiu como

Amar uma paisagem solitária, quando estamos abandonados por todos, é compensar uma ausência dolorosa, é lembrar-nos daquela que não abandona... Quando amamos uma realidade com toda a nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança (BACHELARD, 2002, p. 120).

Haesbaert (2015) discute o conceito pensado por Poche (1983) denominado de “espaços de referência identitária”, segundo o autor esses espaços criam leituras simbólicas que tanto podem ser poéticas, sagradas (como observamos no relato dos moradores de Esperantina) ou folclórica. Desses espaços emana uma apropriação estética peculiar que “é capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também territorial”, o que o autor afirma é que por meio dos significados contidos a partir das experiências vivenciadas no

território se forjam as identidades locais ou regionais, nesse sentido emergem os territórios simbólicos, (HAESBAERT, 2015, P. 149).

A lembrança dos dias de fogo e quando dizemos fogo não refere-se apenas às balas que atingiram o peito do Padre, mas também às Vilas inteiras que foram queimadas pelas mãos dos jagunços para que famílias desistissem de suas moradas, de suas roças e saíssem com as roupas do corpo, deixando para trás a terra que alguém apresentava uma escritura qualquer.

Então, o fogo, é pelas casas, pelas balas, enfrentamentos e pelas provas que tiveram de suportar os que ficaram e também os que foram, aqueles que de alguma maneira residem em cada palmeira de babaçu do lugar, não se poderia falar do Bico do Papagaio sem suscitar uma dor profunda.

A terra lhes é tão importante, porque existe um choro contido que fala de toda brutalidade a que foram expostos e isso ainda está escrito de maneiras mais simbólicas do que antes nas janelas de Buriti, ou na entrada da igreja de Josimo, não se trata apenas de falar de um momento na história, mas da história dessas pessoas.

Ao debruçar-se sobre a memória coletiva, encontramos em Halbwachs o que motiva a lembrança sempre viva do lugar

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e víamos, que vemos, ainda agora no momento em que o (HALBWACHS, 2003, p. 41).

As imagens do lugar desempenham um papel central na memória coletiva, uma vez que o local recebeu a marca de um grupo e todas as ações desse grupo podem ser traduzidas em termos espaciais. Para o autor, cada aspecto, ou detalhe do lugar, tem um sentido acessível aos membros do grupo porque todas as partes do espaço ocupadas correspondem a outros tantos aspectos diferentes da história e da vivência desse grupo.

Pois caberia aqui dizer então que o Bico do Papagaio seria mais que a imagem suprema dos rios que se encontram eternamente, Araguaia e Tocantins, a confluir-se em vastidão de água, mas seria também toda a história, as dores deixadas pelos que se foram e a lembrança intrínseca daqueles que ainda vivem o cenário de sempre.

A memória coletiva das pessoas que ali vivem foi construída por meio dos acontecimentos que criaram a ideia do lugar e reside nas palmeiras de babaçu, açaí, ressurgem

entocada no meio das matas, nos caminhos cheios de poeira e também na correnteza pungente dos rios.

Gratão (2007, p. 98), ao tomar o conceito de lugar como o centro de significância, o ponto focal de ação emocional do homem, revela que “este sentido do lugar se dá pela apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente”.

A mesma autora, ao refletir sobre Dardel, endossa que, antes de qualquer escolha, existe esse lugar que não escolhemos, onde afeição-se o alicerce de nossa existência e, sobretudo, de nossa condição humana. Nesse aspecto, também poderíamos entender que a luta de todos e o respeito à palavra do Padre que velava pelos agricultores foi um modo de uni-los em sua escolha pela terra

Quando a gente ama uma pessoa de coração não tem medo de morrer, o Josimo foi uma pessoa que era para mim um filho, daqueles mior que Deus tinha deixado no mundo e aonde ele entrasse e eu pudesse entrar, não adiantava não, eu entrava, nem que morresse. A gente não teme mais a morte a gente não teme nada, a gente confia naquele pai divino e faz o serviço que a gente tem vontade (Dona Cota, Esperantina – TO, entrevistada em 19/05/13).

Ao dizer isso, Dona Cota tinha os olhos firmemente abertos, cintilavam, foi com a convicção de uma rocha que ela disse o quanto havia amado aquele Padre e, de uma maneira indireta, contou o quanto se orgulhava da luta que havia travado em nome de sua resistência de sempre.

Quando indagada sobre a possibilidade de construção da barragem, ela prosseguiu com a mesma convicção

Hoje eu não digo mais nada porque eu não posso mais andar, agora se eu pudesse andar eu te dizia [...] de qualquer maneira eu não estava nem mais aqui hoje, ia caçar direito se a gente tinha ou não, mas quem pode... Quem não pode se sacode. [...] Assim como Josimo não saiu daqui, um lutador de fé tem que ficar, eu tô na minha casinha, eu não ando brigando por terra que não vou mais trabalhar nela, ontosse, de qualquer maneira onde a gente tá, que a gente fica e vamos ver o que vai acontecer. Essa terra aqui para mim é vida, pois foi onde eu criei meus filhos [...] e eu estando na terra que Deus me deu e eu criei meus filhos, aqui eu coloco o pé na parede e digo que Deus permitir sair da minha boca, em terra alheia eu não mando nada, mas aqui é terra minha, o pedacinho de terra que Deus me deu e a luta que o pai divino me dá coragem. Valeu a pena a luta, porque de qualquer maneira nos venceu muitas coisas, foi muitas vidas e muitas pessoas que a gente amava (Dona Cota, Esperantina – TO, entrevistada em 19/05/13).

Tuan (198, p.14), ao discorrer sobre a ideia de lugar, diz que embora não seja uma coisa que podemos facilmente manipular, levar de um lado ao outro, é mesmo assim uma

classe especial de objeto, é a materialização de valores, ou, em suas palavras, “é um lugar onde se pode morar”.

O sentimento de pertencimento a um lugar estabelece-se a partir do momento em que o conhecemos intimamente, embora sua imagem possa não ser tão nítida. Para o autor, uma característica humana é a possibilidade de apegar-se apaixonadamente a lugares, pois também possuem a capacidade de produzir símbolos sobre o que é material.

Em Halbwachs percebemos que quando um grupo social vive por muito tempo em um determinado local, seus pensamentos e movimentos se regulam pela sucessão de imagens materiais que os objetos exteriores representam. Ao que ele diz “os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais” (HALBWACHS, 2003, p. 162).

Assim, pudemos perceber nas memórias de Dona Cota, quando ela nos fala de seu amor pelo Padre ali morto e projeta todo o sentimento de pertencimento àquele lugar, inspirada pela luta travada que em sua memória se traduz através de imagens da paisagem do Bico do Papagaio.

Para além das noções de pertencimento, existe a relação estabelecida entre os moradores e a vida do rio, até mesmo nas histórias de Padre Josimo percebemos o quão íntima é a ligação dos ribeirinhos com a água. Breton entrevista Domingos acerca da morte do padre e lhe pergunta como ele se despediu de Josimo logo após sua morte

Josimo e eu sempre íamos nadar no rio em São Sebastião. A gente flutuava rio abaixo, juntos. A gente nadava bem. Tem uma coisa de símbolo com a água, não é mesmo? Água do batismo, água da vida... E a água é uma coisa muito importante no Bico do Papagaio. É uma terra entre dois rios, e o povo que veio para cá estava fugindo da seca. Tem muita lenda no sertão sobre a Terra Prometida que fica do lado do pôr-do-sol e da mata grande. Josimo era do povo do rio. Tinha muita afinidade com os rios. Costumava chamá-los de símbolo da vida. Até me falou uma vez que quem é enterrado perto do rio passa para a água e dá vida nova à terra. Então naquele dia, depois do enterro, fui para o rio falar com Josimo. Eu disse: “Ai, Josimo, depois de tudo isso, você está aqui perto do rio. Teu espírito vai passar para as águas desse lugar. Tu vai ser parte dos rios que dão vida a esta terra e vai ser lembrado para sempre”. Senti que tinha que ir dizer aquilo para Josimo. Tinha que ir lá na beira do rio. Foi minha despedida (BRETON, 1997, p.64).

## **Considerações**



Na estada que se deu tanto na Vila Falcão quanto em Esperantina, foi possível perceber algumas possibilidades de convívio com a terra e com a água que, como vivência, extrapola os sentidos atribuídos pela noção de recursos naturais. A terra, a água, como partes da vida das pessoas não é um recurso, é uma forma de ser da vida destas pessoas. Por isso, na Vila Falcão a existência do rio não somente é uma possibilidade de se fixar na terra, como também passa a ser um fator de produção imanente da vida, da memória, da história, dos discursos dessas pessoas.

Em Esperantina, por outro lado, o que salta aos olhos é a luta pela terra e o legado de dor deixado na vida de quem lutou e ainda hoje não tem terra. Nesse caso, a terra também está diretamente ligada ao rio, é parte do rio. As terras na região de Esperantina, Buriti, São Sebastião, Araguatins, como em todo o Bico do Papagaio, estão intrinsecamente ligadas ao rio e suas dinâmicas ecossistêmicas.

A vida de Padre Josimo, contada por quem com ele lutou dá uma dimensão da hora da angústia de sua morte, da violência do latifúndio, de como as pessoas dessa região trazem nas falas, no corpo, na memória uma narrativa dolorosa de luta pela terra e pelo direito ao rio.

Nesse texto havia um interesse de demonstrar, a partir da vivência com essas pessoas, que num contexto de construção de usinas hidrelétricas, como é o caso aqui, a vida já marcada pela ausência de tudo (dos serviços de saúde, de educação formal, de assistência social, entre outros direitos), perderão ainda uma vez mais o lugar em que moram. Lugar este, como a Vila Falcão, um assentamento de reforma agrária, que como se sabe pelas histórias contadas, não foi nada fácil de ser efetivado.

Por isso, também esse é um texto sobre outras possibilidades de escrever sobre a história de vida das pessoas. Escrever sob uma perspectiva também etnográfica, todavia não como se o outro, nesse sentido as pessoas, fossem um ente distante do sujeito que interage com elas. Não. Esse texto é sobre as formas de vivências em situação de pertencimento com a terra e com a água. Como essas vivências são mediadas pela fala, pelo discurso, pela memória, foi a partir daí que se deu nesse texto o foco para as histórias de vida levando-se em conta a terra, a água e a dor.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARBOSA, J. L. **Rios, Baías e Continentes**: Paisagens nas andanças das águas. *Ensaio of Geography*. V. 1, no. 1 (2012). Disponível em: <http://www.ensaios-posgeo.uff.br/index.php/EG/article/view/1>. Acesso em: 06.11.2013

BRETON, B. L. **Todos Sabiam – A morte anunciada de Padre Josimo**. São Paulo: Loyola, 2000.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

DIEGUES, A.C. **Aspectos Sócio-Culturais e Políticos do uso da Água**. Texto disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/agua.pdf> 2005. Acesso em: 20.07.13.

GRATÃO, L. H. **À luz da imaginação! O rio se revela na voz dos personagens do lugar - ARAGUAIA!** Trabalho apresentado no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SINPEC). Londrina, junho de 2005.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MELO NETO, J. C. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.